

«Nesser é um dos melhores escritores suecos de policiais.»

The Times

REGRESSO MORTAL

HÅKAN NESSER

16 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS



TOP
SEL
LER

Perguntas quanto tempo dura uma vida,
e eu dir-te-ei a verdade, sem rodeios.
A vida tem a duração que medeia
duas datas numa lápide.

W. F. MAHLER, poeta

I

24 de agosto de 1993

1

Aquele haveria de ser o primeiro e o último dia. A porta de aço fechou-se atrás de si e o estalido metálico ficou a pairar durante algum tempo no ar revigorante da manhã. Ele deu quatro passos, parou e pousou a mala. Fechou os olhos e voltou a abri-los.

Uma tênue névoa matinal pairava sobre o parque de estacionamento vazio, o sol estava prestes a nascer sobre a cidade vizinha e o único indício de vida era o bando de pássaros que sobrevoava os campos que rodeavam o aglomerado de edifícios. Deixou-se estar ali parado durante alguns instantes a saciar os sentidos. O aroma do milho recém-colhido penetrou as suas narinas. As luzes bruxuleantes bailavam no asfalto. Ao longe, cerca de um quilómetro e meio para oeste, conseguia ouvir o zunido persistente do trânsito na autoestrada que abria caminho por entre os campos. A súbita percepção das verdadeiras dimensões do mundo causou-lhe uma vertigem momentânea. Há 12 anos que não atravessava aqueles portões; a sua cela media cerca de dois por três metros, e ele apercebeu-se de que havia um longo caminho a percorrer até chegar à cidade e à estação de comboios. Um caminho desmesuradamente longo, talvez impossível de percorrer num dia como aquele.

Tinham-se oferecido para lhe chamar um táxi, era prática comum, mas ele recusara. Não queria atalhar caminhos pelo mundo tão cedo. Queria sentir o fardo, a dor e a liberdade em cada passo que desse naquela manhã. Se queria ser bem-sucedido na tarefa a que se tinha proposto, sabia o que tinha de conquistar. Conquistar e suplantar.

Pegou na mala e deitou pés ao caminho. Não era muito pesada. Umas poucas mudas de roupa interior. Um par de sapatos, uma camisa, umas calças e um saco com produtos de higiene pessoal. Quatro ou cinco livros e uma carta. Tinha experimentado e requisitado a roupa que estava a usar no armazém de acessórios no dia anterior. Roupa típica de uma prisão. Sapatos em pele sintética pretos. Calças azuis. Uma camisa de algodão clara e um anoraque fino. Para os habitantes locais, seria tão facilmente identificável como um padre católico ou um limpa-chaminés. Seria mais um dos muitos que entravam na estação de comboios com uma mala de cartão, ansiosos por partir. Depois de ter passado uma temporada no Casarão Cinzento, que ficava a meio caminho entre a floresta municipal e a autoestrada. Depois de ter estado ali tão perto e, no entanto, tão longe. Um deles. Os facilmente identificáveis.

O Casarão Cinzento. Era o que lhe chamavam por aquelas bandas. Para ele, não tinha nome — simbolizava apenas uma breve medida de tempo e um espaço mínimo. E passara muito tempo desde a última vez que se preocupara com os olhares fixos de terceiros; desde que fora obrigado a virar costas a esse tipo de contacto superficial e inútil. Tinha abandonado a sua vida passada sem a menor hesitação; não havia alternativa, e ele nunca ansiara pelo regresso. Nunca. Poder-se-á dizer que nunca fizera parte disso.

O Sol começou a despontar. Ele voltou a parar cerca de cem metros mais à frente. Despiu o casaco e atirou-o para cima do ombro. Dois carros passaram por ele. Por certo, seriam dois guardas ou quaisquer outros funcionários. De qualquer forma, seria pessoal da prisão. Mais ninguém passava por ali. Naquela zona, havia apenas o Casarão Cinzento.

Retomou a caminhada. Tentou assobiar, mas não acertou com nenhuma melodia. Lembrou-se de que devia ter levado óculos de sol. Talvez pudesse comprar uns quando chegasse à cidade. Protegeu a vista com a mão, semicerrou os olhos e perscrutou a silhueta da cidade através da névoa. Naquele momento, soaram os sinos da igreja.

Olhou para o relógio de pulso. Oito horas. Não chegaria a tempo de apanhar o primeiro comboio. Mas também não era essa a intenção: preferia sentar-se descansado no café da estação a desfrutar de um bom pequeno-almoço e a ler o jornal. Não havia pressa. Pelo menos, não no primeiro dia. Cumpriria a tarefa a que se tinha proposto, mas o sentido de oportunidade dependia de fatores que, naturalmente, ainda desconhecia.

Talvez amanhã. Ou no dia seguinte. Se tinha aprendido alguma coisa em todos aqueles anos, era precisamente aquilo. A ser paciente. Paciência.

Continuou a caminhar de forma determinada em direção à cidade. Tomou posse das ruas desertas e banhadas pelo sol. Das ruelas sombrias que partiam da praça. Das pedras da calçada desgastadas. Passeou lentamente pelos caminhos que acompanhavam o rio castanho e lamacento, onde patos indolentes vagueavam num estado de inércia intemporal. Por si só, tudo aquilo era notável — a capacidade de percorrer longas distâncias sem embater imediatamente num muro ou numa vedação. Parou numa das pontes e ficou a observar uma família de cisnes agrupados numa ilhota lamacenta, à sombra dos castanheiros que se alinhavam nas margens do rio. Contemplou também as árvores, com ramos que pareciam estender-se em igual medida para cima e para baixo, na direção da água e do céu.

O mundo, pensou ele. A vida.

Um jovem bexigoso carimbou o seu bilhete com evidente desdém. Um bilhete simples, sim, claro. Olhou para ele e encaminhou-se para a banca de jornais. Comprou dois jornais e algumas revistas

masculinas com grandes seios desnudados na capa, sem mostras do mais ínfimo embaraço. A seguir, pediu café e sandes frescas com doce e queijo no café da estação. Um ou dois cigarros. Faltava uma hora para o comboio partir e ainda era de manhã.

A primeira manhã do seu segundo regresso, e o mundo estava cheio de tempo. Inocência e tempo.

Horas depois, estava já próximo do seu destino. Tinha passado os últimos quilómetros da viagem sozinho na carruagem. Olhou pela janela riscada e suja; observou os campos, as florestas, as cidades e as pessoas que passavam — e, de repente, tudo pareceu fazer sentido e adquirir um significado específico. Edifícios, estradas, a interação subtil do campo. A velha torre de água. Os campos de futebol. As chaminés das fábricas e os jardins das casas. A fábrica de móveis Gahn. A praça. A escola secundária. O viaduto e as casas da rua principal. O comboio parou.

À medida que desembarcava, reparou que o apeadeiro tinha um novo telheiro de plástico amarelo-claro. A estação tinha sido renovada. Tinha também sinalética nova.

Fora isso, tudo como dantes.

Apanhou um táxi. Deixou a cidade para trás. Um quarto de hora de viagem sem qualquer troca de palavras, ao longo das margens do lago que tão depressa desaparecia como surgia reluzente para lá dos milheirais e das copas das árvores de folha caduca, até chegar ao seu destino.

— Pode parar a seguir à igreja. Eu vou a pé o resto do caminho.

Pagou e saiu. Não havia nada de vagamente familiar no aceno do taxista quando arrancou. Esperou que o carro fizesse inversão de marcha e desaparecesse atrás da leitaria. A seguir, pegou na mala e no saco de plástico com as mercearias e começou a percorrer o último troço do caminho.

O Sol já ia alto. Sentiu o suor a escorrer-lhe pelo rosto e por entre as omoplatas. Era mais longe do que se lembrava, e a subida mais ingrime.

Mas a verdade é que tinham passado 12 anos desde a última vez que trilhara aquele caminho.

A casa também estava 12 anos mais velha, mas continuava ali. Ela tinha limpado o caminho até chegar aos degraus, conforme prometera, mas nada mais. A fronteira entre o jardim e a floresta tornara-se difusa. Rebentos de bétula tinham tomado conta do terreno, a erva e a vegetação rasteira alcançavam entre um metro e um metro e vinte de altura ao longo das paredes da casa. O telhado do celeiro tinha abaulado e as telhas pareciam ter apodrecido; um dos vidros da janela do andar de cima estava partido, mas isso não o incomodou. Como não contava com grande coisa, tudo se enquadrava mais ou menos nas suas expetativas.

A chave estava escondida debaixo da calha, conforme o combinado. Destrancou a porta. Teve de a empurrar com os ombros para a abrir. Parecia ter inchado um pouco.

Cheirava a mofo, mas não muito. Aparentemente, não havia caruncho ou ratos. Encontrou um bilhete em cima da mesa da cozinha.

Nele, ela escrevera que lhe desejava as maiores felicidades. Mais nada.

Pousou a mala e o saco de plástico no sofá por baixo do relógio e olhou em volta. Começou a percorrer a divisão e a abrir as janelas. Parou diante do espelho do quarto e contemplou o seu próprio reflexo.

Tinha envelhecido. Tinha a cara macilenta e encovada. Os lábios estavam mais finos e severos. O pescoço parecia inchado e enrugado. Os ombros estavam tortos e descaídos.

Cinquenta e sete anos, pensou. Vinte e quatro dos quais atrás das grades. Não admira.

Virou costas a si mesmo e começou a procurar uma arma. Precisava de uma arma, desse por onde desse, e tinha de encontrar uma depressa. Antes que começasse a ter dúvidas.

Ao cair da noite, sentou-se na cozinha com a carta nas mãos. Leu-a novamente, com a chávena de café pousada em cima da toalha florida.

Não era longa. Quase uma página e meia. Fechou os olhos e tentou imaginá-la.

Os seus olhos escuros, já ensombrados pela morte, diante de si, a torcer as mãos.

E a sua história.

Não, não havia alternativa.

II

20 de abril de 1994

—

5 de maio de 1994

2

Seria uma visita de estudo daquelas.

Deviam ter ido quatro adultos, claro. Ou pelo menos três. Era essa a intenção, mas meia hora antes da partida, Henriette telefonara a dar conta de mais uma pouco convincente indisposição. Pouco depois, tornara-se claro que Hertl devia ficar para trás para ajudar a enfermeira, que, naquela tarde, estava incumbida de vacinar as crianças de 2 anos.

O que significava que restavam Elisabeth e Moira. Era certo e sabido que, mais cedo ou mais tarde, Moira seria acometida por uma enxaqueca. Na prática, Elisabeth ficaria encarregue da totalidade do rebanho. E então? Não seria a primeira vez.

Catorze. Com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. Eunice, de 6 anos, abriu as hostilidades vomitando no autocarro cerca de 500 metros após o arranque. Paul, de 3 anos, urinou copiosamente pelas pernas abaixo por volta da mesma altura. Pouco depois, Ellen e Judith, de 4 e 5 anos, tentaram arrancar os olhos uma à outra por causa de um cachecol verde com coelhinhos cor-de-rosa. Emile, de 3 anos e meio, começou a berrar pela mãe de tal maneira que até o autocarro abanou, e Christophe, de 6 anos, queixou-se de dor de dentes.

Estavam bem-comportados quando saíram do autocarro, assim que ele parou na orla do bosque. Ela contou-os rapidamente. Não

faltava ninguém. Eram 14. A contar com Moira, 15. Respirou fundo. Tinha pela frente três horas de caminhada por entre as árvores, um churrasco com salsichas, uma caça ao tesouro e várias excursões de botânica. Reparou que o céu estava a ficar mais escuro por entre a copa das árvores e interrogou-se quanto tempo faltaria para começar a chover torrencialmente.

Na verdade, bastaram 25 minutos, mas, por essa altura, já estavam demasiado embrenhados no bosque. Moira tinha começado a sentir a fronte a latejar e ia cerca de 50 metros à frente do grupo principal, para ver se não piorava. Erich e Wally meteram-se tanto com Eunice que a pequena rechonchuda se recusava a ficar junto dos outros. Caminhava sozinha por entre as árvores e a vegetação rasteira, em vez de seguir pelo caminho, apesar de Elisabeth gritar para que não se desviasse. Um dos gémeos Jümpers tinha caído e batido com a cabeça na raiz de uma árvore, por isso teve de o levar ao colo. O outro seguia a brincar atrás dela, agarrando-se ao seu cinto com os dedos sujos.

— Começou a chover! — gritou Bartje, de 4 anos.

— Quero ir para casa! — guinchou Heinrich, de 5 anos.

— Grandes idiotas — declararam Erich e Wally. — Vão antes para casa comer a vossa mãe.

— Vão comê-la — reforçou uma vizinha anónima de 3 anos.

— Pouco barulho, Wally e Erich — silvou Elisabeth. — Se não se calarem, corto-vos as orelhas.

Moira parou numa das cabanas de voluntários onde tinham combinado almoçar.

— Estamos com sorte — sussurrou quando o grupo principal chegou ao pé dela. Como habitualmente, sentiu-se impelida a sussurrar para evitar que a enxaqueca atingisse proporções insuportáveis. — Despachem-se e venham abrigar-se da chuva!

Ainda antes de Wally chegar junto da porta, Elisabeth percebeu que estava trancada e que a chave tinha ficado na carteira de Hertl, na sala dos funcionários.

— Está trancada, porra! — gritou Erich. — Passa para cá a merda da chave!

Moira olhou espantada para Elisabeth, que suspirou. Fechou os olhos e contou até três. Estava a chover a cântaros e ela sentia os saltos a afundarem-se lentamente na erva encharcada.

— Tenho frio — disse o fedelho Jümpers nos seus braços, a tremer.

— Tenho fome — acrescentou o outro.

— Não me digam que se esqueceram da chave, suas cabras estúpidas! — gritou Erich, atirando um pedaço de lama à parede.

Elisabeth pensou durante mais uns segundos. A seguir, atirou o seu paciente para os braços de Moira, contornou a cabana e partiu uma janela.

Parou de chover quase uma hora depois. Já tinham todos comido o almoço que fora preparado, Elisabeth já tinha lido 18 contos de fadas que já antes lera vezes sem conta, algumas das crianças de 5 e 6 anos já tinham ido explorar o bosque sozinhas e estavam de tal forma cobertas de lama que ela duvidava que o motorista do autocarro as deixasse entrar. Moira conseguira dormirar num quarto no andar de cima e já se sentia melhor, mas não muito. Gerard, de 3 anos, e alérgico, ganhara uma irritação na cara e na dobra dos braços, graças a um chocolate com frutos secos que um amigo não identificado o tinha levado a comer. Uma das crianças de 4 anos e outra de 3 tinham urinado pelas pernas abaixo.

Fora isso, estava tudo sob controlo. Elisabeth decidiu reunir as crianças nos degraus exteriores da cabana e iniciar os preparativos para a caminhada de regresso ao autocarro.

Eram 13. Contou apenas 13 crianças. Se contasse com Moira, 14.

— Quem é que falta? — perguntou.

Faltava Eunice.

Um interrogatório preliminar revelou que ela tinha desaparecido entre 20 e 35 minutos antes. Ninguém tinha bem a noção da altura exata e muito menos do motivo para o seu desaparecimento

— Wally ou Erich, ou possivelmente os dois, podiam ter-lhe batido com um pedaço de madeira; Marissa podia ter-lhe chamado balofa. Ou talvez lhe tivesse dado uma dor de barriga.

O mais certo era ter sido uma combinação de todas essas hipóteses.

Após alguns minutos de berraria, Elisabeth decidiu que deviam formar um grupo de resgate.

Moira ficaria a tomar conta das crianças de 3 e 4 anos dentro da cabana, enquanto ela levaria os mais crescidos com ela para o mato.

Mais crescidos?, pensou ela. *Crianças de 5 e 6 anos. Sete crianças.*

— Vamos caminhar em linha, com 10 metros de intervalo entre cada um — explicou-lhes. — Quero que vão gritando e que fiquem à vista uns dos outros. Entendido?

— Sim, chefe! — gritou Wally, enquanto batia continência.

Foi Wally quem acabou por encontrá-la.

— Está sentada na porra de uma vala, a soluçar — anunciou.

— Ali. Diz que encontrou um cadáver sem cabeça.

Elisabeth soube de imediato que era verdade. Tudo se proporcionava para que fosse aquele o ponto alto do dia.

Na verdade, não era só a cabeça que faltava. O corpo — o que restava dele — tinha sido enrolado num tapete grosso, e não havia tempo para perguntar a Eunice por que motivo teria ela querido investigar de que se tratava. Talvez tivesse visto um osso a sair. Fosse como fosse, a menina de constituição forte tinha conseguido arrastar o corpo para fora da vala ao ponto de conseguir desenrolá-lo. O tapete estava encharcado... coberto de bolor e fungos; e, pareceu a Elisabeth, em avançado estado de decomposição. Havia partes que estavam a cair aos bocados, e o corpo que estava no interior estava no mesmo estado.

Não tinha cabeça, mãos nem pés.

— Vamos voltar para a cabana! — gritou ela, abraçando Eunice, que tremia por todos os lados.

De repente, sentiu-se muito maldisposta, e percebeu que aquilo que acabara de ver a atormentaria em noites escuras para o resto da sua vida.

3

— **V**amos ao ponto de situação, por favor — disse Hiller, esfregando as mãos.

Reinhart olhou para o teto. Münster pigarreou diligentemente e Van Veeteren bocejou.

— E então? — insistiu Hiller.

— Vejamos — começou Münster, folheando o seu bloco de notas.

— Vamos, toca a despachar! — disse o chefe da polícia, olhando para o relógio de pulso de ouro. — Tenho uma reunião daqui a 25 minutos, basta fazer um resumo.

Münster voltou a pigarrear.

— Bem, trata-se do cadáver de um homem — começou ele. — Foi encontrado por volta das 13 horas de ontem, num bosque nos arredores de Behren, a cerca de 32 quilómetros daqui. Foi encontrado por uma menina de 6 anos... que estava numa visita de estudo organizada pelo seu jardim de infância. O corpo tinha sido enrolado num tapete e atirado para uma vala a cerca de 40 metros da estrada mais próxima, e estava ali há já algum tempo.

— Quanto tempo?

— Boa pergunta — disse Reinhart. — Um ano, talvez. Talvez mais, talvez menos.

— Não conseguimos saber ao certo? — perguntou Hiller.

— Ainda não — respondeu Van Veeteren. — O Meusse está a tratar disso. Mas, no mínimo, há seis meses.

— Hmm... — ponderou Hiller. — Continue.

— Bem — prosseguiu Münster —, não foi possível identificar o cadáver, uma vez que o assassino lhe cortou a cabeça, as mãos e os pés...

— Podemos afirmar com certeza que se tratou de um homicídio? — inquiriu o chefe da polícia.

Reinhart suspirou.

— Não — respondeu ele —, claro que pode ter sido morte natural. Alguém que não tinha dinheiro para pagar o funeral. Hoje em dia, custam os olhos da cara... O mais certo é a viúva ter legado a cabeça e o resto do corpo à medicina, em conformidade com a última vontade do falecido.

Van Veeteren tossiu.

— Tão cedo não devemos conseguir determinar a causa da morte — disse, alojando um palito entre os dentes inferiores. — Ao que parece, não existem indícios de ferimentos fatais no que resta do corpo, apesar de, regra geral, as pessoas morrerem quando lhes cortam a cabeça, claro está.

— O Meusse não está propriamente satisfeito com este cadáver — disse Reinhart —, e percebe-se porquê. Passou o inverno envolto naquele tapete podre, ou talvez até mais tempo. Congelou, descongelou, voltou a congelar e a descongelar... Foi mordido aqui e ali por animais, mas é evidente que também não se interessaram muito por ele. Presumo que fosse demasiado duro de roer. Ficou meio submerso, o que ajudou a preservar o corpo; caso contrário, não teria sobrado muito além do esqueleto. Para ser sincero, está feito num oito.

Hiller hesitou.

— Porque é que... Sabemos porque é que cortaram essas partes do corpo?

«Sabemos»? pensou Münster. *Se sabemos porque é que o fizeram? Mas que raio de sítio é este, uma esquadra de polícia ou um hospital? Ou um manicómio, como o Reinhart costuma dizer? Por vezes, é difícil perceber.*

— É difícil dizer — respondeu Van Veeteren, lendo-lhe os pensamentos.

— Ocasionalmente, deparamo-nos com um ou outro caso de desmembramento, mas presumo que o objetivo seja dificultar a identificação da vítima.

— Não fazem ideia de quem se trata?

Van Veeteren negou com a cabeça.

— Obviamente, estamos a passar o local a pente fino — acrescentou Münster. — Mas, claro, foram ordens suas. Desde ontem à tarde que 20 agentes andam a vasculhar o bosque, exceção feita ao período da noite.

— Uma perda de tempo — concluiu Reinhart, tirando o cachimbo do bolso do casaco.

— Pode fumar no final da reunião — disse o chefe da polícia, voltando a olhar para o relógio. — Porque é que diz ser uma perda de tempo?

Reinhart guardou o cachimbo e cruzou as mãos atrás da cabeça.

— Porque não vão encontrar nada — explicou. — Se eu matar alguém e me der ao trabalho de lhe cortar a cabeça, as mãos e os pés, não vou ser estúpido ao ponto de deixar as partes do corpo junto do cadáver. A verdade é que só há um sítio no mundo onde podemos ter a certeza de que não as vamos encontrar, que é onde estamos a procurar. Temos de reconhecer que é inteligente.

— Muito bem — disse Hiller. — Mas o Van Veeteren não estava aqui ontem e pensei...

— Pois bem — atalhou Van Veeteren. — Creio que não virá mal ao mundo se inspecionarmos o local onde o corpo foi encontrado, mas creio que o melhor será interromper as buscas esta noite. Poucas pistas sobreviveriam ao inverno, sejam elas quais forem, e creio que podemos ter a certeza de que ele não foi morto ali.

Hiller hesitou novamente.

— Então, como vamos orientar a investigação? — perguntou. — Não tenho muito tempo...

Van Veeteren não revelou o menor indício de pressa.

— Bem — disse, por fim —, creio que é uma questão que merece ponderação. Quantos agentes tenciona dispensar-nos?

— Tenho aqueles malditos assaltos em mãos — disse Hiller, pondo-se de pé. — Já para não falar do chantagista...

— E daquele caso de racismo — completou Reinhart.

— O chantagista... — disse Hiller.

— Malditos racistas... — continuou Reinhart.

— Que se lixe — atalhou Hiller. — Interrompa as buscas amanhã, VV, e depois logo vemos que medidas tomar. O Heinemann ainda está de baixa?

— Regressa na segunda-feira — respondeu Münster.

Não referiu que tencionava tirar uns dias após o regresso de Heinemann. Algo lhe dizia que aquele não era o momento indicado para pedir dias de férias.

— Muito bem, mãos à obra — rematou Hiller, encaminhando toda a gente para a porta. — Quanto mais depressa despacharmos isto, melhor. Seja como for, não deverá ser muito difícil descobrir quem é o desgraçado. Não vos parece?

— Nada é impossível — disse Reinhart.

— Bem, o que lhe parece, Münster? — perguntou Van Veeteren, passando-lhe as fotografias.

Münster examinou as fotos do corpo mutilado, coberto de manchas castanhas, e do local onde fora encontrado: parecia um bom esconderijo, uma vala escondida por uma vegetação rasteira muito densa. Não admira que o cadáver tenha demorado tanto tempo a ser encontrado. Pelo contrário, a descoberta inesperada feita pela pobre menina de 6 anos só podia ser considerada pura coincidência.

— Não sei — disse ele —, mas parece ter sido tudo planeado ao pormenor.

Van Veeteren balbuciou qualquer coisa.

— Isso mesmo, planeado ao pormenor. Isso é um dado adquirido. O que me diz da mutilação?

Münster ponderou durante alguns instantes.

— Teve como objetivo esconder a identificação, como é óbvio.

— Costuma reconhecer as pessoas pelos pés?

Münster abanou a cabeça.

— Não, a menos que tenham alguma característica distintiva. Tatuagens ou algo parecido. Que idade tinha a vítima?

— O Meusse julga que estava na casa dos 50, mas só sabermos ao certo hoje à noite. Não é dos cadáveres mais fáceis, como já determinámos. O mais certo é ser você e o Rooth a ficarem com o caso.

Münster desviou os olhos das fotos.

— Porquê? O que vai...?

Van Veeteren levantou o dedo para lhe cortar a palavra.

— Estou pelos cabelos com o maldito assaltante. E tenho a certeza de que o Reinhart vai querer arrumar o caso dos terroristas o mais depressa possível. E, logo a seguir, vou à faca na primeira semana de maio. Mais vale assumir o caso logo de início.

Münster sentiu-se ruborizar.

— Obviamente, poderá contar comigo se estiver num beco sem saída — descansou-o Van Veeteren.

«Quando», pensou Münster, *não é «se»*.

— É melhor começar já a procurar um beco sem saída — disse.

— O Rooth já consultou a lista de pessoas desaparecidas?

Van Veeteren ligou o intercomunicador e, cinco minutos depois, o inspetor Rooth apareceu com um monte de folhas impressas na mão. Deixou-se cair na cadeira vazia e cofiou a barba. Era mal semeada e recente, dando-lhe um ar de sem-abrigo indigente, na opinião de Münster. E então? Podia dar jeito ter colegas que se misturavam de forma impercetível com a ralé.

— Nos últimos dois anos, 32 pessoas foram dadas como desaparecidas na nossa zona — anunciou. — Refiro-me àquelas que ainda não foram encontradas, entenda-se. A 16 habitantes locais. Eliminei algumas à partida. Se partirmos do princípio de que ele estava ali no mínimo há seis meses e no máximo há um ano, terá sido dado como desaparecido entre abril e dezembro do ano passado. Teremos de confirmar este facto quando recebermos o relatório do Meusse, claro...

— Como é possível terem desaparecido tantas pessoas? — perguntou Münster. — Esses dados estão certos?

Rooth encolheu os ombros.

— A maioria viajou para o estrangeiro. Sobretudo jovens. Duvido que haja algum crime envolvido em mais de 15 ou 20 % dos casos. Foi o que me disse o Stauff, e ele sabe do que fala. Presumo que não conte com os pequenos delitos. Há muitos drogados que são dados como desaparecidos. Vão para a Tailândia, para a Índia e sítios assim.

Van Veeteren acenou com a cabeça.

— Com quantos candidatos viáveis ficamos, então?

Rooth percorreu as listas. Münster reparou que ele tinha assinado alguns apelidos com um círculo, outros com pontos de interrogação e que rabiscara ainda outros, mas não parecia ter muitas pistas sólidas.

— Com poucos — informou Rooth. — Se procuramos um homem na casa dos 50 anos, com cerca de um metro e oitenta de altura, incluindo pés e cabeça, creio que só teremos dois ou três candidatos.

Van Veeteren estudou o seu palito.

— Um será suficiente — disse ele. — Desde que seja o correto.

— E também não precisa de ser de cá — acrescentou Münster. — Não há nada que sugira que ele tenha sido morto na zona de Behren. Cá para mim, pode ter sido em qualquer sítio.

Rooth anuiu.

— Se olharmos para a lista a nível nacional, temos sete ou oito por onde escolher. Seja como for, presumo que seja melhor esperarmos pelo relatório da autópsia antes de considerarmos quaisquer hipóteses.

— Sem dúvida — disse Van Veeteren. — Quanto menos, melhor.

— Muito bem — disse Münster após uma pausa —, o que fazemos entretanto?

Van Veeteren encostou-se para trás, fazendo ranger a cadeira da secretária.

— Sugiro que vocês os dois delineiem um plano de ação. Vou informar o Hiller de que estão a tratar do assunto. Mas, como disse, podem contar comigo.

— Pois bem — começou Rooth depois de se sentarem na cantina diante de duas chávenas de café —, achas que conseguimos desvendar este caso numa semana?

— Espero bem que sim — aventou Münster. — Quando é que o Meusse conta ter o relatório?

Rooth olhou para o relógio.

— Daqui a cerca de uma hora, creio eu. É melhor irmos os dois falar com ele, não achas?

Münster concordou.

— Qual tem sido a reação das pessoas em geral? — perguntou. — Tem saído muita coisa na imprensa.

Rooth negou com a cabeça enquanto acabava de engolir um pedaço de bolo.

— Até ver, nada de muito relevante. O Krause está de olho nessa vertente. Vamos fazer um apelo no noticiário da noite, tanto na televisão como na rádio. Mas raios me partam se não é um destes tipos.

Bateu na pilha de folhas impressas com a colher. Münster pegou nas listas e olhou para as anotações de Rooth. Ele tinha feito um círculo reforçado à volta de três nomes: pareciam ser os melhores candidatos.

Candidatos a terem sido assassinados, mutilados e largados numa vala coberta de vegetação nos arredores de Behren, entendasse. Examinou-os um a um:

Claus Menhevern

Drouhtens vej 4, Blochberg

Nascido em 1937

Dado como desaparecido a 01/06/1993

Pierre Kohler

Armastenstraat 42, Maardam

Nascido em 1936

Dado como desaparecido a 27/08/1993

Piit Choulenz

Hagmerlaan 11, Maardam

Nascido em 1945

Dado como desaparecido a 16/10/1993

— Sim — disse ele, empurrando as listas sobre o tampo da mesa —, só pode ser um deles.

— Claro — concordou Rooth. — Nesse caso, temos isto resolvido daqui a uma semana. Sinto-o nos ossos...

4

Saiu da esquadra da polícia uma hora mais cedo do que o habitual e seguiu diretamente para casa. A carta continuava onde a tinha deixado, na estante do corredor. Abriu-a e leu-a novamente. O texto ainda era o mesmo:

Informamos que a operação ao adenocarcinoma está agendada para terça-feira, 5 de maio.

Agradecemos confirmação da data por correio ou chamada telefônica no máximo até dia 25 de abril, e comparência na Ala 46B até às 21 horas de quarta-feira, 4 de maio.

Após a operação, está previsto que o período de pós-operatório no hospital seja de duas a três semanas. Esta advertência serve para que possa planejar a sua vida pessoal e profissional em conformidade.

Atenciosamente,
MARIKE FISCHER,
Secretária do Gemejnste Hospitaal, Maardam

Maldição!, pensou. A seguir, verificou a data no final da página, marcou o número de telefone e aguardou.

Do outro lado da linha, soou a voz de uma jovem. Determinou que ela teria, quando muito, 25 anos. Mais ou menos a idade da sua filha.

— Suponho que é melhor não faltar — disse ele.

— Perdão? Quem fala? — perguntou ela.

— Fala o inspetor-chefe Van Veeteren, claro. Tenho um cancro no intestino grosso e vou permitir que este tal Dr. Moewenroedhe o extraia e...

— Um momento. — Aguardou. Ela voltou a falar. — Dia 5 de maio, exatamente. Vou tomar nota. Esperamos por si na véspera. Vou marcar uma cama na Ala 46B. Tem alguma pergunta?

Vai doer?, pensou. Vou sobreviver? Que percentagem de pacientes não acorda da anestesia?

— Não — foi a resposta. — Entrarei em contacto se mudar de ideias.

Depreendeu surpresa no silêncio da sua interlocutora.

— Porque é que haveria de mudar de ideias?

— Posso estar ocupado com outras coisas. Nunca se sabe.

Ela hesitou.

— Está preocupado com a operação, Sr. Van Veeteren?

— Preocupado, eu?

Tentou soltar uma gargalhada, mas até ele percebeu que o som mais parecera o latido de um cão moribundo. E ele sabia bem como soava um cão moribundo.

— Muito bem — disse ela, com entusiasmo. — Posso garantir-lhe que o Dr. Moewenroedhe é um dos nossos melhores cirurgiões e que a operação não é assim tão complicada.

Não, mas o estômago é meu, pensou Van Veeteren. E o intestino também. Tenho-o há alguns anos e gosto bastante dele.

— Esteja à vontade para ligar e fazer as perguntas que entender — acrescentou ela. — Estamos aqui para ajudar.

— Muito obrigado — disse ele, suspirando. — Seja como for, devo ligar antes da data. Adeus.

— Ficamos à sua espera, Sr. Van Veeteren.

Ficou parado alguns segundos com a carta na mão.

A seguir, rasgou-a em quatro pedaços e atirou-a para o caixote do lixo.

Menos de uma hora depois, já tinha comido duas salsichas com salada de batata na varanda, acompanhadas de uma cerveja preta, e começava agora a pensar se devia ir até à loja da esquina comprar um maço de cigarros. Já tinha esgotado o arsenal de palitos, e a noite estava convidativa.

Seja como for, hei de morrer um dia, pensou.

Ouviu o relógio bater as 18 horas em Keymer. Na mesinha de cabeceira, tinha dois romances com a leitura a meio, mas aceitou o facto de não lhes voltar a pegar tão cedo. Ainda não estava suficientemente em paz consigo mesmo. Pelo contrário, a inquietação espreitava dentro de si, afiando as suas garras, e claro que o motivo não tinha grande mistério.

Não era segredo nenhum. O ar estava ameno; conseguia sentir isso. Uma brisa suave e cálida perpassava pelo corrimão da varanda, e o Sol era um disco vermelho por cima do telhado da fábrica de cerveja na outra ponta de Kloisterlaan. Os pássaros chilreavam nos arbustos de lilases atrás do parque das bicicletas.

Aqui estou eu, pensou. *O famigerado inspetor-chefe Van Veeteren. Um polícia com 57 anos e 88 quilos que tem um cancro no intestino grosso. Daqui a duas semanas, vou estar deitado na sala de operações, de livre vontade, e permitir que um aprendiz de carneiro sem experiência corte 10 centímetros do meu corpo. Caramba.*

Sentiu um ligeiro nó na parte inferior do seu estômago, mas já era normal sentir aquilo depois de cada refeição. Não era uma dor aguda, apenas uma ligeira irritação. E devia estar grato por isso, claro. Era verdade que as salsichas não faziam parte da dieta que lhe fora prescrita quando fizera os exames em fevereiro, mas que diabo! O que interessava era sobreviver até ao dia da operação com a mente a funcionar. Se tudo corresse pelo melhor, talvez estivesse na altura de pensar num novo estilo de vida. Uma vida mais saudável, e outras tretas que tais.

Há um tempo para tudo.

Levantou a mesa, encaminhou-se para a cozinha e colocou os pratos no lava-louça. Seguiu para a sala e percorreu distraidamente a sua coleção de CD e cassetes.

Dez centímetros do meu corpo, pensou, mas depois lembrou-se das fotografias que vira naquela manhã.

O cadáver sem cabeça de Behren.

Sem cabeça, duas mãos e dois pés.

Podia ser pior, pensou.

Na casa dos 50, na opinião de Meusse.

Batia certo. Seriam os dois da mesma idade? Cinquenta e sete anos.

Porque não?

Podia ser muito pior.

Dez minutos depois, estava no carro com uma peça coral de Monteverdi a irromper pelas colunas. A noite haveria de cair daí a hora e meia. Tinha muito tempo.

Só queria dar uma vista de olhos, nada mais. Não tinha mais o que fazer...

Como chegara à conclusão anteriormente, há um tempo para tudo.

5

— **C**omo vai a vida amorosa? — perguntou Münster enquanto entrava no velho *Citroën* de Rooth. Afinal de contas, deviam ser capazes de falar de assuntos que nada tivessem que ver com o trabalho.

— Nada bem — respondeu Rooth. — Às vezes, gostava que houvesse uma injeção que nos curasse desse tipo de pulsões de uma vez por todas.

— Céus... — exclamou Münster, desejando não ter tocado no assunto.

— Há algo de muito estranho nas mulheres — prosseguiu Rooth. — Pelo menos, naquelas que conheço. Na semana passada, saí com uma mulher, uma ruiva de Oosterbrügge que estava num curso de enfermagem, ou lá o que era, em Maardam. Fomos ao cinema ver Krause, e, quando a convidei para irmos até minha casa beber um cálice de Porto e comer um pouco de queijo, sabes o que me disse?

— Não faço ideia — respondeu Münster.

— Que tinha de voltar para casa porque tinha o namorado à espera. Tinha vindo visitá-la e estava à espera no hostel onde ela estava hospedada. Pelo menos, foi o que me disse.

— Um queijo duro — comentou Münster.

— Uma bela trapalhada, isso sim — disse Rooth. — Acho que já não tenho idade para andar atrás de mulheres. Talvez devesse pôr um anúncio no jornal. O Kurmann do departamento de pessoas desaparecidas arranhou um belo caldinho assim... Mas é preciso ter sorte, claro.

Concentrou-se em ultrapassar uma carrinha de mudanças azul, evitando embater num elétrico n.º 12. Münster fechou os olhos e, quando voltou a abri-los, percebeu que se tinham safado do acidente.

— E tu? — perguntou Rooth. — Continua tudo às mil maravilhas com a mulher de polícia mais espetacular do mundo?

— Na paz do Senhor — disse Münster.

Pensando bem, não estava longe da verdade. Mas Synn era Synn. A única coisa que o preocupava ocasionalmente era não perceber o que é que uma mulher como ela via em alguém como ele — um inspetor mal pago, dez anos mais velho do que ela, que trabalhava tanto que mal tinha tempo para ela e para os miúdos. Era fácil convencer-se de que tinha mais do que merecia, de que, mais cedo ou mais tarde, seria castigado por isso.

Mas por que motivo haveria de se preocupar? Tinha um casamento feliz, tinha dois filhos. Talvez devesse dar-se por satisfeito e aceitar a sorte que lhe calhara, de uma vez por todas. Fosse como fosse, não era um assunto que quisesse abordar com o inspetor Rooth.

— Devias livrar-te dessa barba — disse-lhe. — Se eu fosse mulher, fugia a sete pés dessa penugem.

Rooth passou a mão pelo queixo e olhou para a cara no espelho retrovisor.

— Não sei, que se lixe! — concluiu. — Não me parece assim tão má. E não sei se serás assim tão entendido na forma como as mulheres pensam.

— Está bem — disse Münster. — Faz como entenderes. Como vamos fazer com o Meusse?

— Acho que o melhor é pagarmos-lhe um copo, como de costume — disse Rooth, quando parou à porta do instituto forense. — O que dizes?

— Sim, acho que é o mais fácil — respondeu Münster.

Meusse ainda não estava despachado dos cadáveres do dia e, em vez de o interromperem, Münster e Rooth decidiram aguardar no seu gabinete.

Ele apareceu 20 minutos atrasado, e Münster percebeu que o dia não tinha sido fácil. O seu corpo magro e franzino parecia mais débil do que nunca, a cara estava macilenta e, por detrás dos óculos grossos, os olhos pareciam ter-se afundado nas órbitas — sem dúvida depois de ter visto mais do que o suficiente do mal e da perversidade que o mundo tinha para oferecer. Na opinião de Münster, olhar para aquele cadáver mutilado durante cinco segundos teria sido mais do que suficiente, ou até mesmo 10 segundos só a examinar as fotografias. Presumia que o especialista forense tivesse passado as últimas 10 a 12 horas a perscrutar a carne putrefacta do cadáver.

Meusse cumprimentou-os com um aceno de cabeça silencioso e pendurou a bata branca manchada num cabide que estava junto à porta. Lavou as mãos e vestiu o casaco que repousava na secretária. Passou as mãos pela careca várias vezes e suspirou.

— Em que posso ajudar-vos, meus senhores?

— Talvez seja mais fácil conversarmos enquanto tomamos um copo no bar — sugeriu Rooth.

O Fix ficava mesmo em frente ao laboratório forense — se saíssem pela porta das traseiras, claro está. Mas também não havia motivo para não saírem pela porta habitual.

Meusse seguia à frente, de mãos nos bolsos e ombros arqueados, e só depois de ter à frente um gin duplo e uma cerveja é que pareceu disposto a discutir as suas descobertas. Münster e Rooth já tinham presenciado aquele ritual várias vezes e sabiam que não valia a pena tentar apressá-lo — ou até mesmo interrompê-lo quando ele começasse a falar. Responderia a quaisquer perguntas depois de ter dito o que queria; era tão simples quanto isso.

— Bem, meus senhores — começou ele —, reparo que o inspetor-chefe Van Veeteren nos agraciou com a sua ausência neste caso. Não me surpreende. O cadáver que vocês encontraram é uma bela

peça. Se este pobre patologista puder fazer um pedido, pede que, de futuro, façam um esforço para os desenterrar mais cedo. Não pensem que nos sentimos propriamente inspirados por cadáveres em avançado estado de decomposição... Tracemos o limite nos três, quatro meses, pode ser? A verdade é que um dos meus assistentes não aguentou e deixou-me sozinho esta tarde. Hmm...

— Quanto tempo tem este cadáver, então? — perguntou Rooth, tentando meter o bedelho enquanto Meusse estava ocupado a explorar o fundo da sua caneca de cerveja.

— Como já referi — retomou ele —, este cadáver é particularmente desagradável.

Desagradável?, pensou Münster, lembrando-se de que Meusse lhe dissera certa vez que o facto de a sua vida ter mudado e ficado mais miserável se devia à sua profissão pouco edificante. Que tinha ficado impotente aos 30 anos, que a sua mulher o deixara aos 35, que se tornara vegetariano aos 40 e que, basicamente, deixara de ingerir sólidos aos 50... O seu próprio corpo e respetivas funções tinham-se tornado mais repugnantes com o passar dos anos. Era algo pelo qual só conseguia sentir nojo e aversão, confessara a Münster e a Van Veeteren certa tarde quando, fosse por que motivo fosse, as bebidas se sucederam a um ritmo mais acelerado do que o normal.

Talvez não fosse motivo de surpresa, pensou Münster. *Apenas um desfecho expectável?*

— É difícil ser mais específico em relação à altura — prosseguiu Meusse, enquanto acendia uma cigarrilha. — Diria que foi morto há oito meses, mas posso facilmente estar enganado em cerca de um ou dois meses a mais ou a menos. Teremos o relatório do laboratório dentro de uma semana. Receio que a causa da morte seja igualmente difícil de determinar. A única coisa que é óbvia, claro, é que ele morreu muito tempo antes... ou seja, antes de ser largado na vala. Pelo menos 12 horas, disso não há dúvida. Ou até 24 horas antes. Não há sangue no tapete, e tão-pouco no corpo. A decapitação e mutilação ocorreram muito antes. Resumindo, o cadáver foi exaurido de sangue.

— Como foi feito o desmembramento? — perguntou Münster.

— De forma amadora — respondeu Meusse. — Presumo que tenha sido usado um machado. Rombo, ao que parece, por isso deve ter demorado algum tempo.

Esvaziou a caneca. Rooth levantou-se para ir buscar mais uma.

— O que posso dizer em relação à origem da morte é que ocorreu na cabeça.

— Na cabeça? — perguntou Rooth.

— Na cabeça, sim — confirmou Meusse, apontando para a sua careca para ilustrar a resposta. — Talvez tenha sido baleado na cabeça ou golpeado com o machado, ou algo assim. Mas a causa da morte foi um traumatismo craniano. Além da decomposição natural decorrente da mutilação, o corpo não apresenta ferimentos. Bem, vou ignorar determinados efeitos secundários causados por raposas e corvos famintos, que atacaram o corpo em algumas partes, mas nem eles causaram grandes danos. O tapete e a água na vala tiveram um efeito embalsamante. Ou, pelo menos, atrasaram a decomposição do corpo.

Münster tinha pegado na caneca de cerveja, mas voltou a pousá-la na mesa riscada.

— Quanto à idade e às características distintivas da vítima — prosseguiu Meusse, que era imparável assim que a conversa embalava —, podemos partir do princípio de que teria entre 55 e 60 anos, mais ou menos. Magro, cerca de 1,75 metros de altura. Podemos dizer que era bem constituído. Não tinha braços ou pernas partidos nem cicatrizes cirúrgicas. Talvez tivesse algumas cicatrizes superficiais, mas terão apodrecido ou ficado coladas ao tapete. O exame foi dificultado por aquilo a que podemos chamar uma simbiose de morte entre o cadáver e o tapete. É como se ambos se tivessem fundido aqui e ali. Ou será que é fundiram-se um no outro?

— Merda! — exclamou Rooth.

— Precisamente — retorquiu Meusse. — Alguma pergunta?

— O corpo apresenta alguma característica distintiva? — perguntou Münster.

Meusse sorriu. Os seus lábios finos abriram-se e ele revelou duas fileiras de dentes inesperadamente brancos e saudáveis.

— Há uma — disse, e era evidente que estava a desfrutar daquela situação. O prazer de ser capaz de os manter em suspenso durante um ou dois segundos. *Está a satisfazer o seu brio profissional*, pensou Münster.

— Se o assassino quis eliminar características que possibilitassem a identificação — prosseguiu Meusse —, então escapou-lhe uma.

— Qual? — perguntou Rooth.

— Um testículo.

— Hã? — admirou-se Münster.

— Ele só tinha um testículo — explicou Meusse.

— Einstein? — disse Rooth, com um olhar confuso.

— Hmm — fez Münster. — Isso vai precisar de seguimento.

Percebeu de imediato que tinha ofendido o patologista com a sua ironia. Tossiu e ergueu a caneca, mas era tarde demais.

— No que diz respeito ao tapete — disse Meusse secamente —, terão de falar amanhã com Van Impe. Acho que tenho de ir andando. Obviamente, terão um relatório por escrito nas vossas secretárias polidas amanhã de manhã.

Esvaziou a caneca e levantou-se.

— Obrigado — disse Rooth.

— Boa noite, meus senhores — despediu-se Meusse. — Agradecia que não me enviassem mais troncos decepados nos próximos dias.

Parou junto à porta.

— Mas, se encontrarem as partes do corpo em falta, teremos todo o gosto em ajudar-vos a juntar as peças. Temos sempre todo o gosto em ajudar.

Münster e Rooth deixaram-se estar sentados durante mais alguns minutos a terminar as suas cervejas.

— Porque é que só tinha um testículo? — perguntou Rooth.

— Não faço ideia — respondeu Münster. — Mas, feitas as contas, um é mais do que suficiente. Creio que deve ter lesionado o segundo. Uma operação, talvez?

— É possível que tenha sido comido por um animal? Enquanto o corpo esteve na vala, quero eu dizer.

Münster encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Mas, se o Meusse diz que ele já não o tinha, é porque não tinha mesmo.

Rooth assentiu.

— É uma excelente pista — disse.

— Sim — concordou Münster. — É o tipo de coisas que constam das bases de dados. Só tem um tomate! Ainda pensas que despachamos este caso em apenas uma semana?

— Não — disse Rooth. — Talvez num ano. Vamos embora.

Não falaram muito durante a viagem de regresso à esquadra. Mas uma coisa era certa: o terceiro homem na lista de possíveis candidatos, Piit Choulenz de Hagmerlaan, devia ser demasiado novo. De acordo com as informações de que dispunham, ainda não tinha completado 50 anos, e mesmo que Meusse tivesse tido o cuidado de dizer que se tratava apenas de um palpite, Rooth e Münster sabiam que ele raramente se enganava. Nem mesmo quando estava apenas a especular.

Mas tanto Claus Menhevern como Pierre Kohler pareciam ser candidatos possíveis. E, naturalmente, dividi-los-iam entre si.

Nem precisavam de debater isso.

— Qual preferes? — perguntou Rooth.

Münster olhou para os nomes.

— Pierre Kohler — respondeu. — Creio que é melhor tratarmos já disso esta noite, não?

Rooth olhou para o relógio.

— Sem dúvida — disse. — Ainda agora são sete. Nenhum polícia que se preze aparece em casa antes das nove.

QUANDO A LEI E AS INSTITUIÇÕES FALHAM, SERÁ ADMISSÍVEL FAZER JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS?

Numa tranquila manhã de agosto, Leopold Verhaven, um alegado duplo homicida, é libertado da prisão. Em abril do ano seguinte, um corpo humano mutilado é encontrado numa vala, perto da casa do ex-recluso. Haverá alguma ligação? A certeza de que é Leopold só chega mais tarde, já que o corpo foi encontrado sem cabeça, pés ou mãos, e em avançado estado de decomposição. Mas quem teria interesse em matar um homem que passou 24 anos na prisão?

É este o mistério intrigante que o inspetor Van Veeteren se propõe desvendar, num caso em que todas as pistas o levam a regressar no tempo e a investigar o passado da vítima. Leopold Verhaven era uma estrela do atletismo antes de ser condenado pelo assassinio de duas das suas namoradas. Contudo, nunca confessou os crimes, declarando sempre a sua inocência.

Este facto leva a que uma terrível suspeita persiga Van Veeteren: e se Leopold Verhaven tivesse dito a verdade e fosse realmente inocente? Teria sido morto por vingança? Ou teria sido brutalmente assassinado por alguém achar que a sua pena não tinha sido suficiente?

LEIA TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-96-8



9 789898 869968

Policial